

ATENDIMENTO À CRIANÇA ESPECIAL

Autora: Ana Paula Martins Montanari

Terapeuta Ocupacional - Especialista em Saúde Mental, CETO

Rua Araguari, 1460 apt.1106 - 30190-110 - Belo Horizonte - MG - Brasil

A minha intenção será passar minha experiência em atendimento à criança especial em meu consultório.

Depois de cinco anos de experiência e aprendizado, consigo perceber o quanto me via limitada no início desta profissão que tanto tem me dado retorno positivo. Afirmo esta limitação, já que no início de minha atuação, quando se falava em crianças especiais, sempre vinha associado o termo *reabilitação- física e motora*. Isto sempre me trouxe um certo incômodo, pois me sentia distante desta forma de atuação, já que percebia a busca de experimentar emoções e vivências existentes em cada criança no ambiente terapêutico, sem uma preocupação única com a movimentação adequada na realização das atividades. Aos poucos, respeitando minhas convicções, buscando teorias que validassem minha prática e com supervisão, fui me certificando que a minha terapia

ocupacional surtia um efeito-efeito positivo, já que a criança apresentava resultados e a família estava orientada e motivada a participar do processo.

Atualmente realizo um trabalho bastante voltado ao contexto escolar com crianças hiperativas, com distúrbios de aprendizagem, distúrbios de comportamento e deficiência mental.

O objetivo da terapia é facilitar sua estadia na escola, propiciando atividades que busquem conteúdos cognitivos sem que a criança perceba que está sendo trabalhada nesse sentido. Mensalmente oriento a família em como participar diretamente do processo terapêutico, utilizando atividades da vida diária para melhor e maior funcionamento destas crianças no ambiente da casa e mesmo socialmente.

Este trabalho parece simples, mas tenho encontrado muita resistência por parte das escolas que, quando não especializadas, nem

tentam inserir a criança e, quando ditas especializadas, não têm como objetivo a alfabetização. Isto traz como consequência o desânimo dos pais e um descrédito em relação ao futuro desta criança tão colocada à margem de toda uma sociedade.

A saúde mental da criança que assisto é o ponto mais importante a ser estimulado, buscando atividades próprias à vivência e à realidade desta criança, sem me deter em patologias e diagnósticos que, de certa forma, são importantes para nos clarear e apontar caminhos, mas nunca para conduzir formas de atendimento.

Deste modo, nós, profissionais da Saúde, temos muito a contribuir para a melhor aceitação e aproveitamento destas crianças, ditas especiais, em nosso meio. Mas para que isso se torne real, temos que nos impor como Terapeutas Ocupacionais atuantes e, mostrar a potencialidade que esta profissão tem a oferecer.